

me designassem?” Quais são os limites do humano, ou o que é que torna humano o humano, é um tema sempre presente no romance. A morte, a capacidade de morrer, é uma característica que na nave separa os humanos dos humanóides – estes não morrem, são apenas desactivados. O tema da morte é abordado no depoimento de um agente funerário, aquele a quem compete livrar-se de “todos os trabalhadores eliminados” e, em ocasiões raras, também dos “corpos abandonados após doença ou recarregamento”. Diz: “Não tenho nada contra a morte. (...) O que me assusta é aquilo que nunca morre nem muda de forma.”

Os objectos nas salas mostraram-se capazes de ajudar a superar o desconforto da angústia causada pela nostalgia, sentimento que antes, por vezes, tornava os humanos catatónicos. Presenciar a exposição dos objectos recolhidos, provoca uma interacção entre essa experiência estética e a capacidade introspectiva, que é bem aproveitada e sublinhada pela escrita concisa e poética de Olga Ravn (também autora de vários livros de poesia) e de onde nunca está ausente uma crítica velada a aspectos sociais contemporâneos: “Conheço o odor do líquen porque vocês o implantaram dentro de mim, tal como se implantaram a ideia de que só devia amar um homem, ser fiel a um só homem. Aqui, todos nós estamos condenados a sonhar com o amor romântico, embora ninguém que eu conheça ame dessa maneira ou tenha esse género de vida.”

Os Funcionários é também uma diatribe, quase sempre irónica, contra as ideias de produtividade e contra o sistema capitalista de organização do trabalho. Em muitos depoimentos confessionais há tripulantes a queixarem-se com preocupação que o padrão das suas reacções emocionais apresenta problemas e que por isso eles não são capazes de executar correctamente as suas funções. Os humanóides, apesar de ao longo do livro parecerem estar a tornar-se mais “humanos”, acham idiota quando um humano diz algo como “uma pessoa é mais do que o seu trabalho”, e interrogam-se: “O que mais uma pessoa poderia ser?” Para eles, o esforço de concluir com mais eficácia uma tarefa, tem apenas o propósito de ficar pronto para avançar de imediato para a próxima tarefa. Estão ali para aumentar a produção, mas por vezes dão por eles a pensar, e interrogam-se: “Em que medida é que estes pensamentos são produtivos? Será um erro na actualização? Se assim for, gostaria de ser reiniciado.”

A leitura de *Os Funcionários* parece por vezes aproximar-se da experiência de presenciar uma performance: um romance que, pela sua propositada incompletude e estranheza, não se pode comparar com nenhum outro.

Exposições

O prazer é todo seu

Um jovem artista reflecte sobre a procura do prazer. Na arte, mas não só. *Luísa Soares de Oliveira*

What's for dinner?
De Hugo Brazão



LISBOA. Balcony Contemporary Art Gallery. Rua Coronel Bento Roma, 12 – A. De 3ª a sábado, das 14h às 19h30. Até 22 de Maio.

Como já tem sucedido em outras ocasiões na obra de Hugo Brazão (n. 1989), existe uma colectânea de factos científicos, ou pseudocientíficos, que servem de pano de fundo (literalmente, como veremos) à sua pintura. A palavra pintura, na verdade, não será a mais exacta para descrever este trabalho; trata-se de um conjunto de peças ora em *patchwork*, ora em jesmonite (uma resina à base de água), em almofadas, ou ainda em tapeçaria – e tudo isto generosamente colorido e profusamente trabalhado. Neste caso, e ao contrário do que é recomendado, podemos começar por essa informação que é partilhada conosco no texto de sala. O ensaio impresso fala de comportamentos aprendidos e das razões pelas quais determinados animais preferem esta ou aquela acção em vez de outra que, por exemplo, lhes garantiria melhores condições de sobrevivência. Hugo Brazão elenca várias espécies e criaturas: o estorninho europeu, a abelha-comum, os ursos-pardos e, talvez a mais curiosa de todas, as orcas – que, segundo nos dizem, quando confrontadas com escassez de alimentos preferem que todo o baleal passe fome em vez do sacrifício de um indivíduo para uma suculenta refeição colectiva.

As orcas, como os humanos, demonstrariam assim possuir certas emoções que nos habituámos a considerar como apenas nossas, como o sentimento de amizade ou de misericórdia. Hugo Brazão, mencionando em pormenor endorfinas, oxitocinas e dopamina, refere depois o estranho hábito que temos, após um almoço de festa em que supostamente se comeu demais, de perguntar o que haverá para jantar, ou seja, de se querer de imediato repetir o prazer que se sentiu na primeira refeição. A sua obra, explica-nos, tem a ver com esta constante indiferenciação entre seres vivos, num mundo onde orcas, ursos e estorninhos não estão, de todo, num lugar inferior ao do humano, já que,



Peças distantes das classificações tradicionais atribuídas às várias disciplinas artísticas

conforme parece acreditar, todos partilham das mesmas emoções.

E o que vemos na exposição? Como referido acima, peças que estão muito distantes das classificações tradicionais atribuídas às várias disciplinas artísticas, e mesmo, para quem está muito habituado a ver o que os artistas hoje fazem, do que pode ser observado em museus e galerias de arte. Os têxteis são predominantes. Mas Hugo Brazão desconsidera por completo a perfeição técnica ou sequer a ligação a um certo bom gosto que poderia aproximar estas peças do design têxtil ou de moda. Encontramos aqui, pelo contrário,

ligações à heráldica – as grandes telas penduradas, sem grade, como pendões ou bandeiras, são das peças mais interessantes da exposição –, à simbologia comum, à sinalética pública, e mesmo a uma certa apropriação de imagens vindas da cultura urbana.

Almofadas, tapeçarias e estes grandes *quilts* feitos de pedaços de tecido cosido mostram, por outro lado, criaturas estilizadas, vindas das leituras e dos textos que o artista faz e nos dá a ler. De certa forma, é como se nos afirmasse, sem qualquer sombra de dúvida, que não existe hierarquia no mundo da arte. E que considerar

que uma obra é menos nobre porque não se serve de uma técnica reconhecida como tal, é a mesma coisa do que estabelecer outras hierarquias no mundo da ciência, do discurso artístico, do cânone religioso, até.

E a procura do prazer? Toda a criação artística se processa em torno deste circuito que conduz o artista a gerar uma obra de arte, é certo. Mas, mais do que isso, que nos leva, a nós, a ver e usufruir dessa e de outras obras e, mais a jusante ainda, que leva o colecionador, no momento de adquirir uma obra de arte, a comprá-la, mesmo sabendo que, no fim, esse prazer de possuir se liga também ao prazer de mostrar e de dar a ver. Uma obra de arte que não é partilhada com ninguém é o resultado de um amor estéril, que terá os dias contados, mais cedo ou mais tarde.

Hugo Brazão tem decerto a intuição destas e de outras evidências, que poderíamos explicar, como ele o faz, através de somas e subtrações de substâncias químicas secretadas pelos nossos órgãos. A pergunta que formula no início da exposição, *What's for dinner?*, poderia assim ter várias versões: sobre a próxima obra de arte, a próxima exposição, a próxima aquisição. Nenhuma das respostas que se possam dar será definitiva. Como se a insatisfação, afinal, tocasse a própria condição humana.

JUSTLX

Contemporary Art Fair

3ª edição

19 - 22 Maio 2022

Centro de Congressos de Lisboa
Praça das Indústrias 1, Belém

Bilhetes à venda:

